

O CORPO

Brenda Villatoro
Universidade Federal de Viçosa (UFV)

RESUMO

A pesquisa desse artigo foi baseada em autores/pesquisadores de diferentes enfoques, porém todos com o mesmo objetivo – a ruptura do pensamento cartesiano em relação à divisão entre o corpo e a mente. A minha proposta foi criar um diálogo entre eles e, a partir dessa premissa, criar um vínculo sobre a diferença entre ator e bailarino, propondo novas reflexões sobre os processos de criação artísticos, porém, o artigo explana essencialmente as questões sobre o pensamento/discurso sobre o ser-estar no espaço; as influências e trocas exercidas no corpo pelo espaço e vice versa, colaborando para estudos híbridos entre a Dança e o Teatro.

Palavras chave: Corpo integrado, interseção.

É interessante notar como fazemos associações instantaneamente com absolutamente tudo o que vemos, ouvimos, tocamos, sentimos; como se fossemos uma espécie de sensor que capta todas as ondas que estão no ar e as organiza rapidamente para que não causem turbulência e entrem e colapso, claro, às vezes o colapso é inevitável, talvez até poético, mas na maioria das vezes o sensor é capaz de administrar perfeitamente as ondas que lhe interessam ou não. Pois e me pergunto, por que se utilizar de uma metáfora sendo que já existe um nome para o sensor? Talvez eu sinta um conforto em responder a mim mesma, que preciso sempre me reafirmar em relação a isso; às vezes me torno incompreensível, fazendo parte dessas infinidades de coisas que acontecem ao me redor. Bem, mas esse sensor é o corpo. É o meu corpo. É o corpo de todos os corpos que existem com vida.

Esse mecanismo do qual mencionei está vinculado à evolução da nossa espécie que contém genes de ancestrais que viveram a milhões de anos atrás, e que, por diversas transformações dos diferentes corpos replicadores que sofreram milhares de influências do meio, o cérebro humano, tornou-se o mais complexo.

As pessoas querem a todo custo acreditar que nós, seres humanos somos imensamente diferentes de todas as outras espécies – e elas estão certas! Nós somos diferentes. Somos a única espécie que tem um meio extra de comunicação de projeto: a cultura. (...) Nós temos a linguagem, o meio básico da cultura, e a linguagem nos abriu novos espaços no Espaço de Projeto aos quais nós temos acesso. Em poucos e breves milênios – um mero instante no tempo biológico – já usamos nossos novos veículos de exploração para transformar não só o nosso planeta como o próprio processo de desenvolvimento de projeto que nos criou. (DENNET, 1998:352)¹

Richard Dawkins² desenvolveu uma teoria em seus estudos, especialmente em “O Gene Egoísta”, em que chama meme ou evolução memética, um processo semelhante ao que passam os nossos genes em fase de replicação. Porém, a evolução memética refere-se à evolução cultural a que chegamos, entretanto num tempo extremamente reduzido se comparado ao tempo de replicação dos genes, pois essa ocorre constantemente, e com ela, suas transformações.

O que é interessante notar, é que os memes replicadores não funcionam em todos os corpos igualmente, aliás nós sempre escolhemos quais serão os replicadores, a partir dos que já foram replicados anteriormente. Sobre isso, Dennet (1998 p.381), diz que os cérebros humanos normais não são todos parecidos; eles variam consideravelmente

¹ Daniel C. Dennett – A perigosa idéia de Darwin/A evolução e os significados da vida. Rocco - Rio de Janeiro, 1998.

² Richard Dawkins. O Gene Egoísta. Ed. Companhia das Letras, 1976.

em tamanho, forma e nos milhares de detalhes de conexão de que depende sua capacidade.

É nesse momento que alio essa idéia, ou posso dizer esse meme, à teoria do Corpomídia de Christine Greiner³. O nosso corpo, corpomídia é uma mídia de si mesmo, compartilhando os entre lugares que somos enquanto passamos acordados.

O sensor do qual falei no início do texto, ou seja, o corpo, por sofrer as influências do meio e, constantes trocas com o espaço (a evolução memética) é capaz de administrar todas as informações que entram – se replicam – saem – e se replicam novamente, por ser mídia de si mesmo, ocupar um espaço e sofrer influências dele e também influenciá-lo o tempo todo. Isso só é possível, pois o corpo do qual falamos é integrado, é um corpo completo por suas partes que estão diretamente conectadas e funcionando o tempo todo, vivas e pulsantes.

Alguns autores discorrem, como Antonio Damásio em “O erro de Descartes”, sobre a inquietante questão que há muito o filósofo Descartes propôs sobre a divisão entre mente e corpo, provocando os excessivos racionais a afinar ou pelo menos refletir sobre seu conceito paradoxal que propõe a argumentação da teoria.

Antonio Damásio desenvolve uma pesquisa sobre as emoções, as razões e o cérebro humano, para isso, descreve o processo de alguns casos que estudou para auxiliar no entendimento do leitor sobre o que ocorre com vítimas que sofrem lesões no cérebro e suas consequências. O primeiro caso é o de Phineas Gage, ocorrido em 1848, na Nova Inglaterra⁴. Gage sofreu um acidente no trabalho e foi afetado na região frontal do cérebro atingindo duas porções dos lobos direito e esquerdo. O caso teve repercussão

³ Christine Greiner - O corpo - Pistas para Estudos Indisciplinares. Ed. Annablume. 3º Edição, 2008.

⁴ Antonio Damásio. O erro de Descartes, São Paulo. 2ªEd,1996:17

para os neurocientistas na época, pois além de sobreviver ao acidente, Phineas Gage não apresentou nenhuma sequela em sua motricidade, linguagem e raciocínio.

O mais interessante é que a única mudança de Phineas Gage após o acidente foi o seu comportamento perante a sociedade. Não encontrava mais estabilidade em seus empregos por conta de seu mau comportamento, um vocabulário indigesto e possuía atitudes que outrora jamais possuiria, tornou-se obsceno e desprovido de senso de sociedade.

Os estudos sobre o caso seguiram-se décadas e o que Damásio explana sobre essa mudança, analisando também outros casos semelhantes, é que o que se considera mente (onde estão guardadas as emoções/pensamentos/razões), é controlada por regiões específicas do cérebro e que mudanças de comportamento podem estar relacionadas a lesões nesses locais e não simplesmente a problemas psicológicos ou emocionais – motivo pelo qual outro caso apresentado, semelhante ao de Gage, perdeu a “carteirinha de invalidez”, por ser considerado capaz de executar quaisquer tarefas e possuir apenas problemas emocionais, quando na verdade, não tinha controle sobre suas atitudes, pois não conseguia ter a capacidade de tomar decisões.

Por mais surpreendente que pareça, a mente existe dentro de um organismo integrado e para ele; as nossas mentes não seriam o que são se não existisse uma interação entre o corpo e o cérebro durante o processo evolutivo, o desenvolvimento individual e no momento atual. A mente teve primeiro de se ocupar do corpo, ou nunca mais teria existido.⁵

⁵ Idem 3.

Em “O Erro de Descartes”, Antonio Damásio descreve algumas possíveis respostas aos milhares de questionamentos que surgiram desde que os casos apareceram. Isso ocorre na segunda parte do livro, denominada “Elaborando uma Explicação”, a qual traz pensamentos muito interessantes sobre essas questões de organismo integrado, dentre essas, citarei uma bastante coerente:

O organismo constituído pela parceria cérebro-corpo interage com o ambiente como um conjunto, não sendo a interação só do corpo ou só do cérebro. Porém, organismos complexos como os nossos fazem mais do que interagir, fazem mais do que gerar respostas externas espontâneas ou reativas que no seu conjunto são conhecidas como comportamento. Eles geram também respostas internas, algumas das quais constituem imagens (visuais, auditivas, somatossensoriais) que postulei como sendo a base para a mente. (DAMÁSIO, 1996:114-115).

De acordo com a citação de Damásio, retomo a discussão sobre os memes de Dawkins, que a partir da mesmíssima coerência, qualificam um processo que sofremos por estarmos vivos e que o nosso corpo, jamais chegaria a tais conclusões antes de ter vivido a experiência. Os memes culturais de Dawkins só ocorrem porque acontece um processo de trocas constantes e imediatas a cada segundo enquanto se está ocupando um lugar no espaço, preenchendo e compondo o ambiente. A interação que ocorre quase que ininterruptamente durante a vida se movendo dentro do seu corpo.

Desse modo, considero esse argumento um excelente comprovante de que como diz a Teoria do Corpomídia de Greiner (2008), o corpo recebe milhares de

informações o tempo todo por causa da constante troca com o ambiente e organiza-as de um modo seletivo e ordeiro, criando novas informações que em seguida já estarão se reciclando novamente.

As relações entre o corpo e o ambiente se dão por processos co-evolutivos que produzem uma rede de pré-disposições perceptuais, motoras, de aprendizado e emocionais. Embora corpo e ambiente estejam envolvidos em fluxos permanentes de informação, há uma taxa de preservação que garante a unidade e a sobrevivência dos organismos e de cada ser vivo em meio à transformação constante que caracteriza os sistemas vivos. (GREINER,2008:130).

É a inconcludência de um ciclo que gira porque está vivo, de modo que não há possibilidade de haver uma divisão, distinção, segregação, fragmentação entre corpos e mentes, tratando-se de um organismo integrado e que age instantaneamente conectado!

Quando se fala nesse tipo de ruptura, fica evidente o “corrompimento” que se estabeleceu, “dicotomizando” duas partes “(in) dicotomizáveis”. Com isso, considero importantíssimo o estudo teórico feito pelos artistas que trabalham com as artes cênicas corporais, pois o processo de criação exige uma dedicação que engloba ações essencialmente integradas. Os registros nascem depois de experiências e, portanto, são irrefutáveis. Descrivê-los torna-se difícil, pois a linguagem falada não se encontra com a forma escrita e traduzida por palavras.

É claro que não desconsidero as diversas percepções que surgem através de cada pesquisa, o que me interessa não é a forma como isso se dá e sim o procedimento - a experiência mais o registro de idéias (sobre), que se torna igual à coerência no discurso. A partir desse ponto de vista, é possível criar diálogos sobre os processos de construção de uma nova ideia prática e a desmistificação do “paradigma” corpo versus mente, pois não existe ambos e sim a integração de um corpo vivo em ação.

É preciso buscar não só a consciência, mas também a percepção e o entendimento do EU, e repensar no tão falado instrumento principal do ator/bailarino/ intérprete – o corpo. O corpo não é um instrumento e sim o próprio meio. Se vivemos, pensamos e criamos um produto do século atual, na dita era contemporânea, é importante agir igualmente ao momento e romper com paradigmas anacrônicos, obsoletos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENNETT, Daniel C. A Perigosa Ideia de Darwin – A evolução e os significados da vida. Ed. Rocco – Rio de Janeiro, 1998.

DAWKINS, Richard. O Gene Egoísta. Ed. Companhia das Letras, 1976 – Edição 2007 – São Paulo.

GREINER, Christine. O Corpo – Pistas para Estudos Indisciplinares. Ed. Annablume, 3º Ed – São Paulo, 2008.

DAMÁSIO, Antonio. O Erro de Descartes. Ed. Companhia das Letras, 2º Ed., São Paulo, 1996.

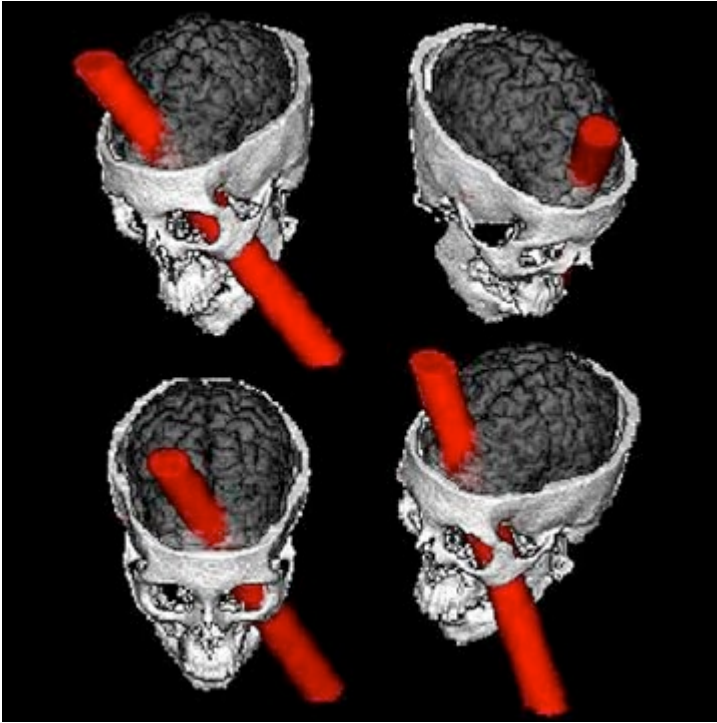


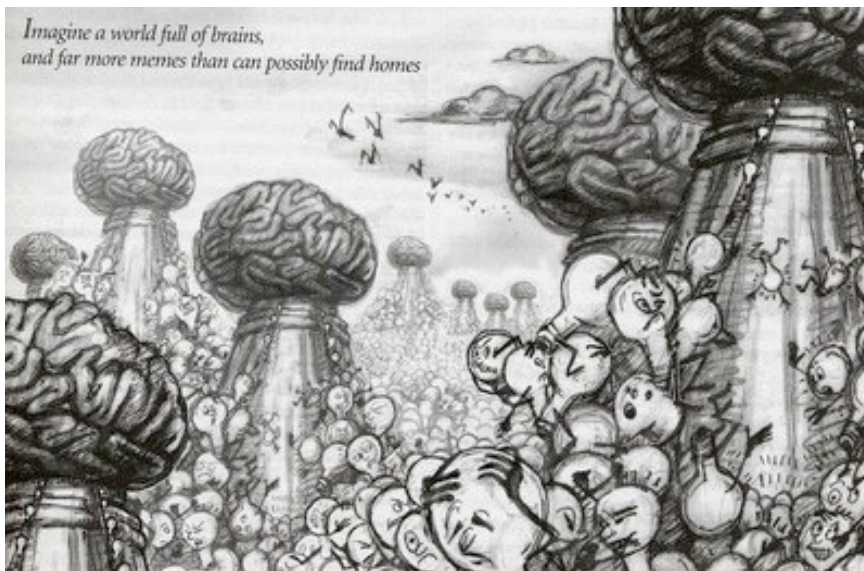
Foto de Neuroscience's Psychopathic view of Phineas Gage

Disponível em <<http://boeatau.wordpress.com/2012/05/22/neurosciences-psychopathic-view-of-phineas-gage/>>



Memes

Disponível em <<http://luzecalar.blogspot.com.br/2012/07/o-gene-egoista-11-richard-dawkins.html>>.



Memes

Disponível em <<http://luzecalar.blogspot.com.br/2012/07/o-gene-egoista-11-richard-dawkins.html>>.